



# O PANTANAL DE JOSÉ MEDEIROS

The Pantanal of José Medeiros • El Pantanal de José Medeiros

Organização • Organization • Organización  
Maria Teresa Carrión Carracedo



Editora ~ Publisher ~ Editor • **Maria Teresa Carrión Carracedo**  
Apresentação ~ Presentation ~ Apresentação • **Walter Firmo**  
Texto crítico ~ Critical text ~ Texto crítico • **Aline Figueiredo**  
Texto *O Pantanal de José Medeiros* ~ The text *The Pantanal of José Medeiros* ~ Texto *El Pantanal de José Medeiros* • **Carla Ladeira Pimentel Águas**  
Versão em inglês ~ English version ~ Versión en inglés ~ **Terry Matfield**  
Versão em espanhol ~ Spanish version ~ Versión en español • **Ricardo Manuel Carracedo Cereijo**  
Produção Gráfica ~ Graphic Production ~ Producción Gráfica • **Ricardo Miguel Carrión Carracedo**  
Design gráfico ~ Graphic design ~ Diseño • **Maria Teresa Carrión Carracedo** • **Maike Vanni**  
Chefe de arte | Tratamento de imagens ~ Head of Art | Image processing ~ Jefe de arte | Tratamiento de imágenes • **Helton Bastos**  
Assistente na edição ~ Assistant editor ~ Asistente en esta edición • **Walter Galvão**  
Revisão de português ~ Portuguese revision ~ Revisión del português • **Marinaldo Custódio**  
Suporte administrativo ~ Administrative support ~ Apoyo administrativo • **Carlos Alberto Ozelame**  
Impressão, pré-impressão e acabamento ~ Printing, prepress and finishing ~ Impresión, pre impresión y acabado • **Ipsis**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
International Cataloging in Publication Data  
Datos Internacionales de Catalogación en la Publicación  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Medeiros, José

O Pantanal de José Medeiros = The Pantanal of José Medeiros =  
El Pantanal de José Medeiros / organização/organization/organización  
Maria Teresa Carrión Carracedo ; [texto Carla Ladeira Pimentel ;  
versão em inglês Terry Matfield ; versão em espanhol Ricardo Manuel  
Carracedo Cereijo]. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2014.

Ed. trilingue: português/inglês/espanhol.  
ISBN 978-85-7992-065-3

1. Cultura - Pantanal mato-grossense (MT e MS) 2. Fotografia  
- Pantanal mato-grossense (MT e MS) 3. Pantanal mato-grossense  
(MT e MS) - Descrição I. Carracedo, Maria Teresa Carrión.  
II. Pimentel, Carla Ladeira. III. Título. IV. Título: The Pantanal of  
José Medeiros. V. Título: El Pantanal de José Medeiros.

14-04407

CDD-778.98172

---

Índices para catálogo sistemático:  
Indexes for systematic catalog:  
Índices para catálogo sistemático:

1. Pantanal mato-grossense : Fotografias : Artes 778.98172

Reprodução proibida. Todos os direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora ~  
Reproduction prohibited. All rights for this edition are reserved by Entrelinhas Editora ~  
Prohibida la reproducción. Todos los derechos sobre esta edición estan reservados para Entrelinhas Editora

Impresso no Brasil ~ Printed in Brazil ~ Impreso en Brasil



Av. Senador Metello, 3773 Jardim Cuiabá • Cep. 78.030-005 Cuiabá, Mato Grosso, Brasil  
Distribuição e vendas (65) 3624 5294 | 3624 8711 | www.entrelinhaseditora.com.br | e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br











À minha companheira Ádia e aos meus filhos  
Filipe, José e Maria Lua; aos meus pais Fátima e José;  
à vó Laura e vô Gregório – já ausentes, mas tão presentes...  
... dedico meus dias de paixão pelo Pantanal e este livro.

To my companion Ádia and my children  
Filipe, José and Maria Lua; to my parents Fátima and José;  
to my grandmother Laura and grandfather Gregório –  
absent, but always present...  
... I dedicate my days of passion for the Pantanal and this book.

A mi compañera Ádia y a mis hijos  
Filipe, José y Maria Lua; a mis padres Fátima y José;  
a mis abuelos Laura y Gregorio – ya ausentes, mas tan presentes...  
... dedico mis días de pasión por el Pantanal y este libro.



Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.  
Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias  
(do mundo e as nossas).

~

To me, a powerful one is not he who discovers gold.  
To me, a powerful one is he who discovers the insignificant things  
(in the world and in us).

~

Poderoso para mí no es aquél que descubre oro.  
Poderoso para mí es aquel que descubre las insignificancias  
(del mundo y las nuestras).

MANOEL DE BARROS,  
NO LIVRO ~ IN THE BOOK ~ EN EL LIBRO  
'TRATADO GERAL DAS GRANDEZAS DO ÍNFIMO'







# O mundo mágico de José, o pantaneiro

Conheci José Medeiros há uns bons vinte anos, um menino arrojado já trabalhando a ousadia em desbravar caminhos na enfunada vela da juventude, muitas vezes incompreendida, naquilo que o filósofo Sartre insistiu sinalizar-nos da “inevitável guerra das gerações” – quando os mais velhos não entendem a inevitável leveza de Ser desses moços. Quase insolente, cavalgava sobre si mesmo a esmo, estocando sul, norte, nordeste, oeste. Felizmente, estancou onde nasceu, e nele, agora taludo, nos proporciona um apaixonado legado, redescobrimo a nós, do mundo inteiro, um encantado mundo povoado no verde, no lado esquerdo do Brasil, regido pelas estações das águas – ora seco, ora invadido – exortando de seu solo úmido fartas sementes prontas ao renascimento de arvoredos e capins, flores de todos os tipos, frutas tropicais.

Pelos ares, uma variedade incontável de aves, trazendo-nos o prazer do paraíso, um mundo de conto de fadas. Um absurdo. Não há em todo o país um visionário de asas abertas voando nomes conhecidos, papagaios, tucanos, jaburus, araras, garças, colheireiros, e tantos outros, que, quando menino via sobre minha cabeça na cidade de Ladário, encostada à conhecida Corumbá. Residi naquela cidade aos onze anos de idade, levado pelo meu pai, também José, fuzileiro naval enfermeiro, deslocado do Rio de Janeiro para servir no destacamento da Marinha, na fronteira com a Bolívia. Foi ali que vivi a façanha, enquanto criança, de conviver nos céus, naqueles instantes – meu sítio do pica-pau amarelo –, a sustentação de mesmo deitado às margens do rio Paraguai, soltando minha pipa, elevar-me em pensamentos “desaparecendo no ar” junto aos pássaros. E, quando me sobrava algum tempo, depois de voltar do colégio de padres salesianos, em Corumbá, pegava a varinha de pescar, fisgando piraputangas, pias, lambaris.

O livro *O Pantanal de José Medeiros* vagueia na construção em cor e preto-e-branco, de um registro solene do homem, senhor pantaneiro, aquele que toca a boiada, faz o laço de couro e cultiva as rezas cantadas. Tudo isso porque este Pantanal que ainda respira pelas lentes de José Medeiros, tem os seus dias contados. A região está mudando, ampliam-se pousadas em seus rios e lagoas e alguns dos vaqueiros que tocavam a boiada agora “conduzem” turistas, ávidos dos desfrutes, regidos pelos conhecimentos de quem sabe onde estão as sucuris, as onças e os veados.

Os pantaneiros, possuidores deste feudo naturalmente doado pela mãe natureza, dominadores pelo acúmulo de anos vividos, hoje na idade de oitenta anos, sentem-se vulneráveis, temendo que após suas mortes este lugar não terá mais a mesma grandeza humana, porque tudo mudará. E este livro resgata, quita, recupera esta condição de uma vida que se esvai, mas, com a cumplicidade do olhar de José – o pantaneiro –, visibiliza-nos ainda uma região enfeitada pelo brilho das imagens.

Na escalada memorial da vertigem fotográfica ao povo do Pantanal, vemos uma busca pictorial exigente, uma visão rebuscada muito além do singelo, retalhada em retratos, impregnada de um lúmen sutil, quase lamparina – nosso olhar complacente. Não é uma visão ingênua e sim romantizada, clássica, daquela maneira que a vida deu certo outra vez.

E neste colóquio, onde o silêncio vale mais, nos deparamos com um desfile de fotos de conteúdos diversos onde o sorriso desabrocha, as festas folclóricas proliferam, o pé trabalhador, a religiosidade contemplada, o olho animal bem de perto, o troféu da cabeça de boi, alguns detalhes, o cavalo branco e seu elegante montador, a incrível imagem aérea de um gado confinado ilha-do, sem rumo, as marcas na palma das mãos, o velho carro de boi, o homem imerso nas águas, o cavalo que ri, a vela acesa junto à moça bonita, as máscaras, o boiadeiro, o mastro da festa de santo e outras fotografias, passageiras desta primeira grandeza.

Na verdade, este homem apaixonado nascido em Campo Grande, sul de Mato Grosso, adula sua região como o pai que protege o filho. Este compêndio é um libelo deste amor que mostra a sua cara, garra e colaboração em deixar à posteridade este Pantanal de hoje. Alguma coisa comovente como o depoimento do ancião da cidade de Poconé “que anda descalço pra sentir a morna terra debaixo de seus pés”. E que reza todos os dias pela manhã e no final da tarde, “para agradecer a Deus pelos passos que já deu na terra do Pantanal”.

De minha parte, José, parabéns e benção. Siga em frente.

*Walter Fırmo*

Fotógrafo, jornalista e professor



# *The magic world of José, the pantaneiro*

I first met José Medeiros a good twenty years ago. He was a daring child already working on his audacity as he cut his way through the jungle of youth, often misunderstood by what the philosopher Sartre insisted on calling the “inevitable war of the generations”, when the older do not understand these youngster’s inevitable lightness of being. Almost insolently, he would ride around aimlessly, taking in the south, north, east and west. Fortunately, he remained where he was born and there, now grown up, he provides us with a passionate legacy, rediscovering ourselves, of a whole world, an enchanted world of green, on the left-hand side of Brazil, dictated to by the water seasons – from dry to floods – urging the abundant seeds to sprout from the moist soil ready to give new life to the trees and grass, all kind of flowers and tropical fruit.

In the air, fly an uncountable variety of birds, bringing us the pleasure of paradise, a world of fairy tales. Preposterous. There is nowhere else in the country with a view of open-winged well-known names: parrots, toucans, jabirus, macaws, egrets, spoon-bills and many others which, as a boy, I would see overhead in the town of Ladário, neighboring the better known town of Corumbá. I lived there at the age of eleven, taken by my father, also José, a nurse in the marines posted from Rio de Janeiro to serve in the Navy outpost on the border with Bolivia. It was there, as a child, that I achieved the feat of living in the sky in those moments, on my own little farm. When even lying on the banks of the River Paraguay, flying my kite, I would let my thoughts “float into the air” together with the birds I knew as rails, aracuans, siriemas, canaries, red thrushes and jabirus. And, when I had some spare time, after coming back from the Salesian priest’s school in Corumbá, I would grab my fishing rod and catch a few *piraputanga*, *piau* and *lambari* fish.

The book “The Pantanal of José Medeiros”, wanders between colors and black and white, making a solemn record of the man, *senhor pantaneiro*, who herds cattle, makes leather lassoes and sings prayers. All of this is because this Pantanal, which still breaths through José Medeiros’s lenses, has its days numbered. The region is changing; lodges are expanding into the rivers and lagoons and some herdsman now “drive” fun-seeking tourists led by the knowledge of a person who knows where the anacondas, jaguars and deer can be found.

The *pantaneiros*, owners of this natural fiefdom donated to them by mother nature, with years of acquired experience, now in their eighties, sit around vulnerably, fearing that after their deaths this place will not have the same human grandiosity any longer, because everything will change. And this book recovers, pays back some of this condition of life that is vanishing but which, with the help of José the pantaneiro’s eye, it allows us to visualize a region decorated by the shine of his pictures.

In the upward growing memory of photographic heights to the people of the Pantanal, we see a demanding pictorial search, far beyond singularity, cut up in portraits, impregnated by a subtle lumen, almost torchlight, our complacent gaze. It is not a naïve vision but a romantic, classic one of the way of life that once worked.

And in this colloquy, where silence is worth more, we come across a parade of photos of diverse subjects: blooming smiles, proliferous folkloric festivals, dancing workers. And there is religious contemplation, close up animal eyes, the trophy of a bull’s head, details, the white horse and its elegant rider, the incredible aerial picture of cattle stranded on an island, nowhere to go, marks on palms of hands, the old cart, a man in the water, the horse that laughs, a candle lighting up the pretty girl, the masks, the cattle drive, the holy festival mast and other photos, all part of this greatness.

In fact, this passionate man, born in Campo Grande in the south of Mato Grosso, flatters this region like a father protecting a son. This compendium is a lampoon of this love which shows his identity, grit and collaboration to leave the Pantanal for posterity. Something moving, like the declaration by an elder in the town of Poconé “who walks barefoot to feel the brown earth beneath his feet” and who says prayers every morning and at the end of the day “to thank God for the steps I have taken on the earth of the Pantanal.”

From me, José, congratulations and blessings. Keep on.

*Walter Firmo*

Photographer, journalist and professor



# *El mundo mágico de José, el pantanero*

Conocí José Medeiros hace unos buenos 20 años, un niño arrojado ya trabajando la osadía de desbravar caminos con la hinchada vela de la juventud, muchas veces incomprendida, en lo que el filósofo Sartre insistió vehementemente en avisarnos de la “inevitable guerra entre generaciones” – cuando los más viejos no entienden la inevitable ligereza de Ser de esos jóvenes. Casi insolente, cabalgaba sobre sí mismo sin rumbo fijo atacando el sur, el norte, el oeste, el noreste. Felizmente estancó donde nació, y en él, ahora tallado, nos proporciona un apasionado legado, descubriéndonos a nosotros, del mundo entero, encantado universo poblado en verde, en el lado izquierdo del Brasil, regido por las aguas – una hora seco, otra hora alagado – exhortando, en su suelo húmedo, a gran cantidad de semillas prontas para el renacimiento de árboles, arbustos, yerbas, flores de todos los tipos y frutos tropicales.

Por los aires, una variedad incontable de aves, nos traen el placer del paraíso, un mundo de cuentos de hadas. Un absurdo. No hay en todo el país un visionario de alas abiertas volando nombres conocidos, loros, jabirúes, guacamayos, garzas, espátulas rosadas, y tantos otros, que cuando niño los veía volando sobre mi cabeza en la ciudad de Ladário, cerca de la conocida Corumbá. Llegué a esa ciudad con once años de edad, me llevó mi padre, también José, fusilero naval enfermero, dislocado de Rio de Janeiro para servir en el destacamento de la Marina, situado en la frontera con Bolivia. Fue allí que viví la hazaña, siendo niño, de convivir en el cielo, en aquellos instantes – mi “*Sítio del Picapau Amarelo*”, estancia idílica de la obra de Monteiro Lobato –, a mantenerme, aún acostado a la orilla de río Paraguay, soltando mi cometa, elevado en pensamiento “desapareciendo en el aire” volando junto a los pájaros pantaneros. Y cuando me sobraba algún tiempo, después de volver del colegio de Los Salesianos, en Corumbá, cogía la caña, y me iba a pescar sábalos, bogas, pirañas y otros pequeños peces.

El libro “El Pantanal de José Medeiros” vaguea en la construcción en colores y en negro y blanco, de un registro solemne del hombre, señor pantanero, aquel que conduce la manada, fabrica su lazo de cuero y cultiva sus rezos cantados. Todo esto, porque este Pantanal que aún respira por los objetivos de la cámara de José Medeiros tiene sus días contados. La región está cambiando, aumenta el número de posadas en sus ríos y lagunas y algunos de los vaqueros que conducían las manadas, ahora, conducen turistas ávidos por las delicias del Pantanal, regidos por el conocimiento de quien sabe donde están las anacondas, los jaguares y los ciervos del Pantanal.

Los pantaneros, dueños de este feudo, graciosamente dado por la madre naturaleza, dominadores por el acúmulo de años vividos, hoy con edades alrededor de los ochenta años, se sienten vulnerables, con miedo que después de sus muertes no existirá más la grandiosidad humana pantanera, porque todo cambiará. Este libro rescata, recupera esta condición de un modo de vida que se desvanece, mas, con la complicidad de la mirada de José – el pantanero –, podemos ver aún una región adornada por el brillo de las imágenes.

En la monumental escalada de vértigo fotográfico al pueblo del Pantanal, vemos una busca pictórica exigente, una visión rebuscada más allá de lo simples, recortada en retratos, impregnada de un lumen sutil, casi un quinqué – nuestra complaciente mirada. No es una visión ingenua y si romántica, clásica, de aquella forma que la vida acertó de nuevo.

Y en este coloquio, donde el silencio vale más, nos deparamos con un desfile de fotografías de contenidos varios donde desabrocha la sonrisa, las fiestas folclóricas proliferan, el pie trabajador, la religiosidad contemplativa, el ojo del animal bien cerca, el trofeo de la cabeza de un toro, algunos detalles, el caballo blanco y su elegante montador, la increíble imagen aérea de un ganado confinado en una isla del Pantanal, sin rumbo, las marcas en la palma de las manos, el viejo carro de bueyes, el hombre inmerso en el agua, el caballo que ríe, la vela encendida junto a la joven bonita, las máscaras, el vaquero, el palo de fiesta de santo y otras fotografías, pasajeras de esta primera grandeza.

En verdad, este hombre apasionado nacido en Campo Grande, Mato Grosso del Sur, adula su región como el padre que protege el hijo. Este compendio es un libelo de este amor que enseña su cara, garra y colaboración en dejar para la posteridad este Pantanal de hoy. Algo que nos conmueva como el testimonio del anciano de la ciudad de Poconé “que anda descalzo para sentir la templada tierra bajo sus pies”. Y que reza todos los días al amanecer y al anochecer, “para agradecer a Dios por los pasos que ya dio en la bendita tierra del Pantanal.

De mi parte, José, enhorabuena y bendiciones. Adelante.

*Walter Firmo*

Fotógrafo, periodista y profesor